2.ª SERIE. TOMO IV.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 22. QUINTA FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 1852. 11. ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### AS ESCHOLAS RURAES DOS POBRES NA SUISSA.

A primeira ideia destas escholas teve-a o bom cidadão Pestalozzi, n'uma epocha em que a guerra devastava o seu paiz, a muitos homens faltava o trabalho e o pão, e por consequencia cahiam no aviltamento, resultado ordinario da mendicidade. Esses homens formaram então uma classe perniciosa, em que se tornou hereditaria a mendicidade, e que ameaçava seccar na sua origem a força industrial da nação.

Pestalozzi, que chegou depois a obter credito para os seus methodos de ensino, até mesmo entre nações mui civilisadas, era um genio essencialmente humanitario. Na sua fazenda de Neuhof, proximo de Brugg, recolheu a principio um pequeno numero de creanças pobres, de que se constituiu pae, dando-lhes a instrucção intellectual ao mesmo tempo que as ensinava a trabalhar; sua mulher servia de mãe aos desamparados innocentes.

Vivendo entre os rapazes e com elles, breve reconheceu quanto vale o thesouro de educação comprehendido no trabalho do camponez: ahi descobriu a origem da sustentação material e ao mesmo tempo a da educação moral. O que contribuia para a saude e vigor do corpo podia tambem servir para avivar o espirito no homem. Todos os seus desvelos, todos os seus esforços encaminharam-se desde então a tirar proveito daquelle thesouro. Porém, faltava á sua indole e estudo não só o talento pratico da organisação, mas tambem a verdadeira instrucção agricola; vindo a ser mais uma prova evidente de que o maior genio é impotente, não sendo dirigido pelo conhecimento do trabalho.

Como Pestalozzi não sabia dar occupação convenientemente a todos aquelles rapazes, cujo numero augmentava de dia para dia, porque na sua casa achavam sustento, e elle assentava que a nenhum podia recusal-o; o resultado das suas boas intenções foi vêr-se devorado por uma chusma de ociosos, esgotando seus recursos sem proveito. Quando, litteralmente fallando, elle já não tinha que commer, e os seus visinhos, para se livrarem daquella praga, deixaram de lhe emprestar, todos os pequenitos mendigos dispersaram-se espontaneamente.

Tal foi o exito do primeiro ensaio de uma das revoluções moraes mais salutares, postoque desappercebidas, que se preparamram para a sociedade humana.

Crêdes que Pestalozzi se desgostára para sempre do seu plano, e que voltára as costas á humanidade, que tão pouco o comprehendia, para dedicar-se unicamente aos cuidados domesticos? Enganados estaes, se tal presumis. Como o espirito de verdade o dominava; não deitava a culpa do seu mau resultado aos homens, ou ás circumstancias; deitava-a á sua propria incapacidade. Procurou, portanto, pessoa dotada das faculdades que lhe faltavam e que podesse pôr em pratica as suas idéas. Achou esse homem, e foi Manuel de Fellenberg, que foi depois director do instituto florescente de Hoffwyl. Possuindo extraordinario vigor, Fellenberg comprehendeu logo o alcance daquella ideia, e a influencia que podia ter no destino da especie humana.

Deus tinha dito ao primeiro homem, logo que se deixou cahir no peccado e perdeu o paraiso terreal: « Comerás o teu pão com o suor do teu rosto. » Não ha palavra na Biblia que não tenha um sentido moral; o que se póde considerar material tem relação com o viver da alma. E neste caso não se póde entender que se trate unicamente do pão, sustento do corpo, deve tambem applicar-se á nutrição da alma. Deus não impoz ao homem somente o trabalho material; quiz que o homem, participante da creação pelo trabalho, ganhasse assim a aproximar-se do creador. Para esse fim, o trabalho não devia ser unicamente o que procura alimento ao corpo; devia ser um trabalho intelligente e que leva comsigo a educação. Por outro lado, esta

educação não deve ter por unico fim o desenvolvimento da intelligencia. Assim como o germen no ovo sahe á vida pelo calor, da mesma maneira o homem não se sente homem senão em virtude de um amor mais sublime do que o amor material. E qual é esse amor? E' o que procede de factos, o que desenvolve no homem o trabalho e desvelo que toma a bem de outras creaturas; é o resultado do trabalho. Esse germen cresce com o trabalho, que o eleva para o céu, ao passo que a nutrição do corpo é a raiz que o prende á terra!

Cumpre que o trabalho seja primeiro que tudo uma virtude de familia; cumpre que a creança adquira um amor activo por seus paes, por seus irmãos e irmãs, até os de adopção, reconhecendo depois que não trabalha para si só, mas com os seus e para os seus. Por consequencia, a eschola do trabalho deve ter uma organisação analoga á familia, e assim se torna um membro organico da sociedade.

Como familia, que posição social deve tomar essa eschola? Quanto mais é occupada pelo trabalho a mocidade do homem, tanto mais lhe rende o trabalho, tanto mais respeitará este. Conforme a classe mais elevada da sociedade a que pertence o joven, tanto menos parece a seu juiso, ainda distante da madureza, menos necessario o trabalho; e tem em menos conta o seu valor. Ao contrario, quanto são mais inferiores as classes da sociedade em que nasceu o mancebo, tanto mais lhe parece preciso o trabalho para a manutenção da vida, tanto mais conhece o seu valor; e tanto mais apreço tem o que elle faz a bem da familia! — Para o que não possue coisa alguma, o trabalho é tudo, porque sem este meio nada obtem. As coisas são appreciadas pela sua estimativa e preço real, tanto a habilidade maior ou menor do trabalhador, como a conveniencia do trabalho. E' nessa posição que cada um carece mais da assistencia dos outros; e que uma organisação bem combinada do trabalho produz os mais felizes resultados.

Era por todas estas rasões que a eschola do trabalho devia ser collocada nos extremos degráus da escala social, onde o peso da necessidade vem apoiar o poder da educação, onde se offerece o campo mais largo para um bom trabalho, onde ha mais a conquistar.

Taes foram as considerações que precederam e determinaram a pratica das ideias de Pestalozzi.

A eschola do trabalho foi estabelecida segundo as condições do proletario, instrumento da agricultura, ao qual o proprietario que denominaremos cazaleiro, aluga uma casa e uma porção de terreno; o simples trabalhador empréga o lavor braçal, de modo que o cazaleiro póde dedicar-se exclusivamente ás outras lidas. O cazaleiro faz para o trabalhador os transportes necessarios, como de combustivel, de estrumes, etc., e lavra-lhe o campo; porém este campo nem sempre é o mesmo; o cazaleiro muda-o a seu aprazimento. No fim do anno ajustam-se as contas; e se o trabalhador foi poupado, de ordinario cobra algum dinheiro, satisfeito o aluguer da habitação e da terra.

Cumpre que o trabalhador tenha grande actividade, se quer ganhar mais alguma coisa durante o tempo que lhe deixa livre a sua tarefa obrigada. Os qne são activos e laboriosos lucram sempre alguma coisa, e de ordinario essas sobras empregam-se em mandar ensinar um officio a algum dos filhos: quasi todos os officiaes de differentes misteres na Suissa sahem dessas familias trabalhadeiras; e até fornecem as mesmas muitos mestres de escholas, que são de ordinario mancebos debeis de saude para os trabalhos agricolas.

O trabalhador planta de ordinario no campo que o caseiro lhe concede, de extensão proporcional ao que póde estrumar, as suas batatas e outras plantas de sacha, que deixam a terra amanhada e limpa de ruins hervas. O dono ou caseiro da granja fornece a semente: e o trabalhador tem para o leite uma ou duas cabras, e cada anno engorda um porco: se é industrioso póde obter certa quantidade de estrume, e quanto mais adubo tem, mais terra póde plantar: das estradas tambem tira estrumes; os rapazes que não podem fazer outro serviço vão com cestos, pás, e vassouras, limpar os caminhos, e transportam os estercos em pequenos carros de mão; de modo que até se lucra andarem os caminhos aceados; as lamas das ruas, as hervas seccas e podridas, o lixo, a esterqueira das casas tudo serve para estrumeiras.

Não diremos que este methodo é destituido de inconvenientes, antes os tem e muitos. Em primeiro logar, o trabalhador não tem estimulo para desenvolver a sua intelligencia, o contrario do que se pertendia com o systema; nem tambem para adquirir mais pericia ou habilidade nas suas lidas. Nada o convida a melhoramentos duradouros n'um terreno que é amovivel para o seu lavor. Quando o homem não póde caminhar para diante, recua facilmente, e se não tem esperança de melhorar a sua sorte cahe no indifferentismo. A excrescencia da população da Suissa, em relação á superficie e qualidade de territorio, dava cuidados a este respeito: e todavia aquelle era o systema em grande parte adoptado, posto que as leis do paiz não reconhecessem servos addictos ao terreno, especie de escravos, nem se considerassem taes homens que podiam annualmente rescindir seu contracto.

Era mister (diz o filho e discipulo de Fellenberg) decidir uma questão de moral e de philantropia; occorrer a uma necessidade imposta pelas circumstancias, tomar os filhos daquelles trabalhadores desde a infancia, e dar emprego a uma população superabundante. As escholas de trabalho para os pobres foram organisadas neste sentido. Como a familia, esta eschola commeça por um casal, marido e mulher; da-se-lhes uma casa, e tanto terreno quanto podem cultivar pelo seu trabalho braçal: os rapazes educandos são admittidos á proporção que

os primeiros se adiantam. O terreno concedido á eschola lhe pertence invariavelmente; e ha providencias para se augmentar em extensão conforme o exigirem a força e o progresso da eschola; e outras vezes proporcionam-se meios de acharem os rapazes trabalho instructivo e lucrativo para elles nas terras do proprietario.

As subvenções para a manutenção das escholas provem das seguintes fontes:

1.º Das communas ou municipalidades, que em todo o caso são obrigadas a sustentar os orphãos pobres e os filhos dos mendigos que os creariam na mendicidade se lh'os deixassem.

Estes soccorros são de 50 a 75 francos por anno (8$000 a 12$000 réis), e para cada um rapaz; e diminuem á proporção que este cresce em idade.

2.º Dos salarios que recolhe a eschola pelos trabalhos feitos fóra della.

3.º Dos donativos voluntarios concedidos a estes estabelecimentos, e que afluem na proporção de sua reconhecida utilidade.

Não se permitte a uma eschola mais de trinta alumnos, salvo quando o mestre já tem ajudantes nos seus proprios discipulos. Neste ultimo caso o Estado concede um subsidio a esses ajudantes. O Estado sustenta tambem escholas, cuja boa direcção é verificada, commettendo-lhes, por um preço de pensão comparativamente mais alto, alumnos que dão maiores esperanças.

Ha escholas, cujo merecimento é tão reconhecido, que não obstante denominarem-se dos pobres, particulares abastados alli mettem seus filhos, porque desejam que sejam educados nos habitos do trabalho. E' por todos estes diversos modos que as escholas agricolas são costeadas pelo publico.

---

# PARTE LITTERARIA.

## A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

### ROMANCE.

### Capitulo XV.

### UMA SERVA DE DEUS!

(Continuado de pag. 247.)

Á vista da peremptoria intimação cessaram as apostrophes da tia Perpetua e chegou finalmente a assorda e uma garrafa de vinho. Em quanto elle enchia a bocca, arrumava a beata a casa, fallando só e benzendo-se a miudo com a cruz do seu rosario. Depois do primeiro assalto, mais tranquillo de estomago o illustre Thomé, de oculos assestados, virou-se para a matrona e perguntou em voz adocicada:

—« O conde veio hontem? »

—« Pois não veio! O rico fidalgo da minha alma... Olha, meu santinho, deu um cruzado á velha para rapé, e promessa de outros seis se arranjarmos... »

—« Hum! rosnou o devoto abanando a cabeça solemnemente. — Não sei o que diga... Tia Perpetua, tenho medo de a vêr nestas alhadas. Honra e proveito não cabem n'um saco. »

—« Alhada!... Alhos são tormentos, filho. Graças a Deus sou conhecida; aqui não entra calção de homem, que dê que fallar ao mundo. Pobre sim, mas honradinha. »

—« Quem falla nisso?... V. mercê mette-se muito pela terra, e um dia vem uma pedra e apanha-a. É o que eu digo. »

—« Ai não, filho, estae quietinho. O meu Jesus da minha alma sempre me ha de valer. Mas o conde... bizarro e galante moço, deveras! E depois o bonito modo... encanta. Sabes? deu-me uma carta para o convento. »

—« Para a freira de Santa Clara? »

—« Freira?!... Então Perpetua das Dores de Maria Santissima é qualquer mulherinha para andar pelos conventos desinquietando as esposas de Deus Menino? A sr.ª D. Catharina de Athaide ainda não professou, e se metto a mão no fogo sei o que faço pelo amor do conde e della... Ha-de-lhe dar estado, e tel-a com toda a honestidade. Não me ouça o meu anjo da guarda, se eu fôr capaz... »

—« Pois sim, tia Perpetua; ninguem julga o contrario. Então o conde de Aveiras sempre casa com ella?... E o pae? »

—« O pae está renitente. É um fidalgo muito soberbo, e como vive pobre, e não tem para o enxoval, torce-se todo... Ora! Por fim está morrendo.., Anda um jesuita tractando disso, um tal padre Ventura... »

—« Ah, o padre Ventura! Muito bem. Pois se elle anda metido na dança, respondo eu pelo resto. »

—« O meu santinho conhece o padre? »

—« Alguma coisa... porque? » balbuciou o devoto tornando-se côr de rapé princeza.

—« Olha, não sabes, filho, estou muito mal com o padre Thimoteo... não gosto de confessores de levante. D'antes eram duas, tres horas; agora não me ouve nem meia!... Assim não presta! Vou deixal-o. Quero que me falle ao padre Ventura... »

—« Tia Perpetua, disse o andador das almas desenroscando gravemente a longa e esguia

pessoa — o padre Ventura é meu confessor, e não me convém que elle saiba todos os peccados desta casa. Tenho minhas rasões. Quem quizer, menos elle. Deixe vêr a carta do conde. »

— « Deus nos acuda! Vêr a carta do conde? Santa Maria rogae por nós! O meu santinho não repara que ella nem lacrada está ao menos? »

— « Por isso mesmo. Gosto de saber o que vae pelo mundo. É para meu governo. »

— « Se prometteis... olhae filho, que oiro é o que oiro val. Temos aqui o perû para a festa, e gordinho, gordinho... não m'o deiteis a voar... Esta carta, ah se eu soubesse lêr! »

— « Sei eu; dê cá. »

E o nosso Thomé desatou sem ceremonia o laço d'amor, em que ía dobrado o bilhete do conde para D. Catharina. Leu, releu, e decorou; depois restituiu-o com profunda serenidade, tornando-o a fechar como vinha.

— « Então? » exclamou a beata, ardendo em curiosidade, virando e revirando a carta nos dedos.

— « É tudo santo e justo. Os meios são perigosos; porém os fins, louvado Deus, não podem ser melhores! » respondeu elle arregalando os olhos devotamente.

— « Mas? »

— « Mas não é nada, quasi nada, tia Perpetua. O conde pede á menina que se prepare esta noite para saír do convento. Diz-lhe como; e que o padre Ventura em uma sege a irá depositar em casa de pessoa virtuosa, aonde fique até se receberem... O negocio vae bem encaminhado, vae excellente. Não que o padre Ventura sabe o nome aos bois!... Agora o pae que se faça fino, que resista... Tia Perpetua, é preciso levar esta carta, que chegue a horas. »

— « Bemdita e louvada seja a Virgem Maria! Estou aqui e estou na rua. Em ouvindo as tres missas do costume, pernas a caminho... »

— « Approvo o seu zelo. E o outro fidalgo? »

— « Esse não diz o nome! Esteve cá, mais o conde. É bonito rapaz tambem, mas a gente com elle tem menos confiança... tomára saber quem é; dava um cordão novo a Santo Antonio se o bento fradinho... »

— « Tia Perpetua, tome cuidado! Olhe que pela boca morre o peixe. Não meta a mão na toca, ás vezes traz-se vibora... Diga-me, elle não lhe deu recado?... »

— « Ai, pois não deu. Por signal vou logo levar uma carta sua á rua das Arcas a casa do commendador... Não sei porque havia de resuscitar o enguiço do tal capitão. Olha se elle soubesse o muito que engraço com tal figurão não me punha mais os olhos. »

— « O capitão Filippe da Gama é muito amigo do nosso padre mestre. Livre-se de que a apanhe em alguma, olhe que elle não é para graças... »

— « Santa Barbara e S. Jeronymo, advogados dos trovões! Tão nova me fazeis que deixe cova debaixo dos pés, ou me escape coisa por onde perca... Perpetua das Dores não é de hoje nem de hontem... elle não tem senão dois olhos, e eu por ora vejo bem sem oculos. A carta ha de ser entregue; fica descançado, meu santinho. Ai, filho, a sr.ª Cecilia é uma flôr, uma perola! Olha, o annel que me deu a ultima vez, está alli ao pescoço do Menino Jesus de Santo Antonio. É verdade que de todas as vezes que viu e conversou com o fidalgo levei-lhe eu o recado, e ensinei-lhe a maneira... »

— « Ah! então elles já se tinham fallado? »

— « Ha que tempos; foi até no convento. As primeiras duas vezes foi um instantinho, elle de cima do muro, ella de traz do caramanchão. A ultima diz que o padre Ventura é que arranjou tudo... O que dirá a carta? »

— « Deixe vêr! »

— « Anjo bento, mas olha, vem fechada. »

— « Não é nada; é a obreia. Sei abril-a. »

Empregando um processo usado em Santo Antão o nosso amigo abriu a carta, leu-a e decorou-a, e tornando a pegar a obreia, entregou-a depois á beata como a do conde de Aveiras.

— « O que dizeis desta, filho? » perguntou a sr.ª Perpetua.

— « Que a dança é peior. Convidam a sua perola, a sua Cecilia para d'aqui a tres dias apparecer no mirante do jardim, pelas dez horas da noite, onde lhe dirão coisas que se não podem escrever. »

— « Ponho as mãos no fogo em que ella vae. »

— « Irá; e depois? »

— « O que ha de ser está nas mãos de Deus. Não sou capa nem recoveira. Se dois passarinhos fogem da gaiolla, deixal-os, elles fazem mal a alguem? Demais Cecilia está em sua casa; a mãe e o pae que a guardem; eu sou de fóra, e vejo caras não vejo corações... *Agnus Dei qui tolis paccata mundis!* Se o meu santinho não quer mais nada vou-me arrastando á missa, e de lá dar ordem á vida... Ai! estas pernas estão já tropegas. Thomé, fechae-me bem a porta, e a chave na mão do visinho. Se jantaes em S. Domingos dizei-o, que

é escusado gastar lume sem proveito... Jesus da minha alma! Bem diz o rifão: « já fui moça, já fui rosa, hoje não tenho senão espinhos. » Antes tudo era para mim um pulo; agora são leguas de Deus... Adeus, a benção de Nossa Senhora te cubra e te illumine! Ave Maria, cheia de graça... »

O resto da oração perdeu-se na distancia, porque a sr.ª Perpetua ía a saír quando a principiou. Thomé vendo-a cerrar a porta encolheu os hombros, e enfiou logo as mangas da casaca-gibão, poz por cima o famoso balandrau, e pegando depois no seu nicho e na bandeja partiu atraz da beata, fechando a porta a duas voltas, e deixando a chave na tenda, como lhe fôra recommendado. Durante o dialogo com a sr.ª Perpetua tinha-se escoado toda a agua, e o becco do Manquinho já se podia passar a váu.

O nosso andador ía a virar para a rua dos Escudeiros engolphado em serias cogitações, quando sentiu pesada, como chumbo, mão estranha sobre o hombro. O primeiro gesto foi encolher o lado offendido; o segundo virar a cabeça cautamente e reconhecer o agressor. Achou diante de si o estupendo chapéo, a montanhosa peruca, e o rosto illuminado de sorrisos do poeta Bernardo Pires, aquelle vate engasgado em um soneto, que vimos em S. Domingos jurando pelos ossos ao Sr. Thomé das Chagas, vista a incontinencia da sua lingua.

O poeta matinal vinha fresco e gracioso com a capa embuçada ás canhas, uma capa ampla, e desbotada, que lhe amortalhava metade da barba. Cruzando os pés com elegancia, e dando ás cortezias a mais preciosa afinação, o sr. Bernardo Pires passou a mão direita por baixo da capa, e levou-a lenta e grave ás abas do amaçado chapéo; saudou com elle o seu interlocutor, e entre dois sorrisos sonegados pelos cantos da boca, e lambidos á flôr dos beiços, disse-lhe:

— « Queira desculpar se o importuno; mas antes que o divino Apollo suba mais alto com os frizões de fogo preciso de duas palavras em particular, sendo do seu agrado. »

— « Mas eu não tenho a honra de o conhecer! » acudiu o devoto pasmado com a linguagem florida, e os requebros mesureiros do Narciso epico.

— Não importa, meu presadissimo senhor; conheço-o eu. Não se chama o sr. Thomé das Chagas? Não é andador das almas em S. Domingos? »

— « Um seu criado para o servir! Nesse caso o melhor seria voltarmos atraz; d'aqui a minha casa são duas passadas... »

— « Nada de incommodo, sr. Thomé! *Perambulemus!* verbo latino que significa *andar de passeio*. Se faz favor, siga-me; e de caminho conversemos. »

— « Mas aonde? Para quê? »

— « Eu lhe digo: sou poeta, e as Musas conhecem-me. Faço metaphoras e sonetos e apologos. Vivo de glosas e idilios, com v. mercê das galhetas bentas... Tudo isto é noite escura, por ora, para o sr. Thomé; mas eu lhe abro já uma janella para encher de claridade a sua alma. Eu me explico em estilo vulgar, e por um momento desço do Parnaso ao aprisco dos mortaes... Hontem morreu o mordomo de um fidalgo, o mais alto de quantos eu conheço e quero que se conheçam em Portugal. O mordomo partiu deste mundo um pouco á ligeira, isto é, sem confissão nem sacramentos, porque homem morto não falla, e a sua doença foi a morte... Em tal caso não sei se foi bem se foi mal com Deus; e nós, seus amigos, queremos salval-o, e metel-o no céu a todo o custo; percebe? Bello! Mas para o arrancar do inferno pelos cabellos, e diga-se a verdade, o honrado mordomo pelo menos tem os pés dentro da caldeira de pez porque acabou em peccado mortal... »

— « Ah! » — acudiu Thomé, benzendo-se e abanando o esganado pescoço com summa circumspecção: — « Ah! então julga que elle não estava em estado de graça? É grave, muito grave! De que falleceu? »

— « De uma indigestão! Esqueceu-se de tomar as larguras ao estomago, bebeu um garrafão de vinho, e arrebentou.... Mas tornemos ao caso: como ía dizendo: havemos de pregar o logro ao demonio e metter o homem vestido e calçado no céu.... faça favor, venha ouvindo e andando, o passeio é perto. Quantas missas acha que serão precisas para fazer estálar a castanha na bocca ao fero Plutão do sombrio reino?.... »

— « Não percebo.... »

— « Tem rasão. Este maldito costume!.... Pergunto: quantas missas devemos mandar dizer para pôr o mordomo branco e puro como um seraphim? »

O andador viu um excellente negocio na apotheose do beberrão; e abrindo as largas orelhas, e jogando as eternas passadas, foi indo atraz do reclamo, e seguindo o poeta, em quanto respondia:

— « Isso depende... ha quem diga que o sacrificio é tudo, e o sacerdote nada; tenho outro modo de pensar. Ainda que a esmola seja mais avultada ganha-se muito em ter um padre de consciencia e que se interesse pelo defuncto. . . . »

— « Deu no vinte, meu amigo! É a minha scisma. Ora eu julguei sempre que só o sr. Thomé era capaz de desenterrar o padre, já se sabe mediante um modesto honorario. . . . . »

— « Deixe-mo-nos disso! » — acudiu o devoto sentindo encarquilharem-se já os dedos em volta do numerario, e pegarem como visco as palmas. — « Nada de simonia! No serviço do proximo posso aceitar uma esmolla porque sou pobre, mas não recebo sallario. Se quer lembrar-se das almas. . . . »

Estendeu-lhe o nicho a beijar, com o rallo para fóra, inculcando que o seu thesouro tinha aquella entrada. O poeta deu pios osculos no santo; tirou o chapéu; e levou a mão ao bolso da véstia; mas tirou-a vasia fingindo mudar de idéa:

— « Não trago prata » — exclamou elle. — « E de mais estamos ao pé da casa. É adiante da esquina, áquelle becco. »

— « Mas aonde vamos nós, no fim de tudo? » — gritou o milagreiro um pouco inquieto, vendo fugir a esmolla, e render o caminho, apezar da isca com que o vate o ía entretendo.

— « O sr. Thomé conhece o sitio? »

— « Nada; nem sei onde estou. Fóra do meu bairro ando ás escuras; sou mesmo um parvo. »

— « Pois eu lhe digo! Estamos em terra conhecida. Desta porta para dentro é aonde a thesoura da Parca, a cruel Atropos. . . . »

— « Trapos? Mora aqui algum algibebe? »

— « Sim, senhor. Um algibebe de obra larga. O coveiro de S. Julião. Foi elle quem me encommendou as missas. »

Thomé das Chagas deu um pullo e um grito; e tentou virar para traz. O grito achou diante a mão do poeta e voltou embaçado para a bocca. O pullo achou defronte o corpo de Bernardo Pires, e converteu-se quasi em cabriola. Depois o pobre devoto sentiu-se agarrar, e metter quasi á força para dentro da porta.

L. A. REBELLO DA SILVA.

*(Continúa.)*

---

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO XXXXII.

### A montaria.

(Continuado de pag, 226,)

— É um prazer barbaro, este que se gosa em perseguir, em matar um pobre animal, que vive socegado no seu deserto, sem fazer mal aos que tanto mal lhe querem — disse a rainha, quando viu cahir exangue o porco que el-rei atravessara com a lança.

— Barbaro é sempre o prazer que se tem em vêr padecer; e quantas vezes os proprios anjos procuram esse prazer? — acudiu sua alteza.

— Os anjos! A vingança é o prazer dos deuses, diziam os pagãos; mas dos anjos nunca ninguem o disse senão V. A.

— Sem ser por vingança, por simples passatempo, ha anjos, dos que andam pela terra, que fazem passar horas de dor, amarguradas horas aos que os adoram mais ardentemente.

— É que não são anjos, esses taes — disse a rainha rindo. — E se o são, não os tenha V. A. por bons, tenha-os por anjos máus.

— V. M. não sabe que os fanaticos, não pensam, adoram só?

— Parece que V. A. tem a queixar-se de algum dos taes anjos; falla tanto do coração.

— V. magestade já deve saber que sou fanatico.

— E o anjo que adora, se é anjo como V. A. diz, fal-o padecer?

— Ai, que feliz eu fora se elle escutasse as minhas orações!

— Talvez as escute, se V. A. as fizer com sincero fervor.

— Se isso bastasse para eu ser escutado, então sel o-hia de certo.

— E V. A. está resolvido a dar provas da sua dedicação.

— Tudo, estou resolvido a fazer tudo para lhe provar que o adoro — exclamou o infante com exaltação, e dizendo com os olhos o que a boca calava apenas,

A rainha viu, com a finura e rapidez de apreciação de que as mulheres são naturalmente dotadas, os inconvenientes que poderia ter o proseguir naquelle momento uma tão melindrosa conversação. Ella queria conservar o infante nesse estado de duvida esperançosa, de recatado desejo, de quasi grata anciedade, que robustece a paixão nascente, e lhe dá pela compressão um

irresistivel poder sobre as faculdades do espirito e do coração: e por isso, interrompendo-o quando elle ia talvez soltar alguma frase mais calorosa:

— V. A. não repara talvez — disse a rainha sorrindo — que me está fazendo uma confidencia.

— E a quem, a não ser a V. M., posso eu dizer...

— Eu não posso desaprovar a escolha da confidente — atalhou ella — mas a do logar...

— Tem V. M. rasão. Nem sempre ha poder para abafar os primeiros impulsos do coração. Só quem está indifferente, frio, estranho a todo o sentimento é que póde escolher a hora, o logar para as confidencias. V. M. bem vê — prorompeu D. Pedro, animando-se cada vez mais — bem vê que sou infeliz, que sou perseguido, eu e todos os meus amigos, pelos validos; que meu irmão, em vez de me ter amisade, me odeia. Sou um principe desgraçado, e o sentimento ardente, grande, irresistivel que me dá vida, que me dá animo para soffrer, quer V. M. que eu o cale. Não posso; morrerei sim, mas occultar por mais tempo a V. M. o que sinto...

Os olhos de sua alteza arrasaram-se de lagrimas; e a voz, que se lhe havia pouco a pouco tornado tremula, fez-se de todo inintelligivel. A rainha não era insensivel, e D. Pedro era um guapo e formoso principe.

— Não diga, não me diga V. A. o que este coração sabe já — acudiu a rainha. — Ha coisas que é infelicidade sentil-as, que é porém quasi crime dizel-as.

— Viver sem esperança!

— Sem esperança, não. Espere V. M., esperemos todos dias melhores.

— Uma palavra de V. M. bastaria para me dar animo. O martyrio mais cruel soffrel-o-ia resignado, depois de a ter escutado.

— O que os ouvidos não ouviram, deve adivinhal-o uma alma como a de V. A. — respondeu a rainha, baixando a voz, como para não ser ouvida mesmo pelo infante.

Neste momento um grito de Mademoiselle de Amuraude, grito de pavor e de anciedade, veiu cortar subitamente este dialogo terno, que se podia considerar como a primeira scena do drama escandaloso, e terrivel, que naquelle anno de 1667 a corte de Portugal representou diante da Europa. O grito de Ninon tinha por causa o apparecimento do javali, que havendo-se escapado aos caçadores, corria fero e raivoso direito ao logar onde estavam a rainha e o infante. O que vamos contar, passou-se tudo quasi instantaneamente.

Sem dar tempo a que D. Pedro empunhasse a lança de caça que trazia suspensa da sella, o porco arremeteu ao cavallo da rainha, e cortando-lhe os musculos das mãos com os dentes açacalados, deu com elle em terra. A rainha estava perdida talvez, se sua alteza, por um movimento rapido como o pensamento, a não houvera cingido com o braço direito e suspendido assim no ar, no momento em que o cavallo baqueou no chão. A situação do infante era embaraçosa e assustadora: com a rainha, quasi desmaiada nos braços, elle não podia defender-se do porco que, espumando de raiva, estava a ponto de se lhe lançar ao cavallo. O perigo era eminente; um instante bastaria talvez para que aquella caçada, começada com tão funestos auspicios, terminasse por uma catastrofe terrivel, quando um moço do monte, sahindo como por milagre detraz de uma das moitas, que assombravam a fonte, correu para a fera, e, com risco de ser despedaçado, foi cravar-lhe no coração uma faca de mato, unica arma que trazia na mão.

Ajoelhando ao pé do cavallo do infante, o moço do monte que acabava de praticar aquelle acto de incrivel denodo, offereceu então á rainha, que ainda estava suspendida nos braços de D. Pedro, a faca com que matara o javali.

— Venho pedir a V. M. perdão da culpa que acabo de commetter — disse elle com voz tremula, mas n'um tom que indicava não ser aquella a primeira vez que fallava com principes. — Foi culpa involuntaria, e isso bastará talvez para a tornar menos digna de castigo.

Apenas passado o perigo a rainha tornára a si. Soltando se então dos braços de sua alteza, saltou ao chão com a ligeireza de uma silphide, e aproximando-se do moço do monte:

— De que me pedes perdão? De me ter salvado a vida? — accudiu sua magestade interrompendo-o. — Pede-me o que quizeres em paga do que fizes-te, e dar-to-hei logo.

Neste instante já D. Pedro estava ao lado da rainha, e quando esta acabou de fallar elle accrescentou:

— Eu tambem devo-te mais do que a vida, devo-te a vida de sua magestade. Se desejas alguma coisa que eu te possa dar, é teu.

— O que foi? o que succedeu? — perguntou el-rei, que chegou naquelle momento, cercado pelos caçadores — Quem matou o porco, foste tu, Pedro?

— Não, senhor. Foi este... homem.

Sua alteza balbuciou um pouco ao pronunciar estas palavras, porque atentando mais no moço do monte, reconhecêra nelle o seu moço fidalgo Luiz de Mendonça.

— E este homem, este vilão, atreveu-se n'uma caçada real, a matar a rez que só devia ser ferida pela mão de um principe! — bradou D. Affonso n'um paroxismo de cólera.

— Se não fosse elle V. M. estaria viuvo a esta hora — acudiu a rainha. — Veja V. M. o meu cavallo, foi o javali quem o poz naquelle estado; e eu mesma não escaparia de tamanho perigo, se não foram sua alteza, e este moço do monte.

Elrei, dotado de uma mobilidade de idéas e de sensações, que era tida por muitos na corte como um simptoma de loucura, passou instantaneamente da cólera ao reconhecimento.

— Salvás-te a vida da rainha — disse elle ao moço do monte — e não dizias nada. Quem tem ahi oiro para dar a este pobre homem.

Muitos fidalgos offereceram a bolsa a sua magestade.

— Aqui tens dinheiro — proseguiu el-rei, offerecendo a Luiz de Mendonça a bolsa que lhe pareceu mais pezada. — Se quizeres mais, passarte-hei uma ordem para Antonio Cavide te dar o que me pedires.

— Agradeço a V. M. a sua real munificencia — acudiu Mendonça, pondo-se de pé. — Nada preciso, nada quero, senão beijar a mão da rainha, se sua magestade mo consentir.

— Não queres aceitar nada da minha mão? — perguntou el-rei, a quem esta resposta orgulhosa de um simples moço do monte, começara a acender outra vez a cólera.

— Da mão de V. M. já recebi um dom de que nunca me poderei esquecer — respondeu o criado de sua alteza com voz vibrante e sonora.

— Consinto em fazer-te a graça que me pediste — interrompeu a rainha, estendendo-lhe a mão de que havia descalçado a luva,

Então Mendonça poz de novo o joelho em terra, beijou a mão da rainha, e saudando depois com grande acatamento el-rei e o infante, recuou até ao logar onde estavam os coiteiros, e escondeu-se por entre elles.

— Era Luiz de Mendonça! — disse a rainha a Ninon de Ameraude.

— Não dizia eu a V. M., que elle tem um amor, como aquelles de que nos fallam os romances de cavalleria.

— Quem é este homem? — perguntava ao mesmo tempo elrei a Henrique Henriques.

— É Luiz de Mendonça — respondia este.

— O que foi ao paço com a mensagem do infante.

— Esse mesmo. O amante de Aza.

— E ainda está vivo! — exclamou D. Affonso, batendo o pé de raiva.

— Cumprir-se-hão as ordens de V. M. — respondeu o cruel valido.

J. DE ANDRADE CORVO.

*(Continúa.)*

---

## SERRA DA ESTRELLA.

(Continuado de pag. 250.)

Agora apparecem em maior proximidade os cantaros, a maior notabilidade da serra: primeiro descobrimos o cantaro gordo, que me pareceu em certa distancia effeito de algum vulcão, por sua côr, e figura; mas considerando-o mais de perto, nem este, nem o cantaro magro, nem porção alguma desta serra dão o mais leve indicio de vulcões. Os cantaros são duas desmembrações da ultima, e mais elevada montanha para nordeste, e leste, para onde o cimo, e copa da serra tem algum declive, e para onde devem ajuntar-se grandes massas de gelo, e agua, a precipitar-se de grande altura sobre a ribeira do Zezere que neste sitio principia. O cantaro gordo, ainda menos destacado, faz a testa da montanha para nordeste, sendo accessivel por sudoeste. O magro está mais destacado, mas ainda adhere a ella até mais de metade de sua elevação: é todo cavernoso, e de rocha alcantilada, e póde parecer-se a elle em miniatura o maior fragmento imaginavel de um castello que desabou, não apresentando senão o esqueleto, já mutilado, de parte de sua immensa ossadura. A copa desta mais elevada montanha que terá mais de meia legua de comprimento leste-oeste, e quasi outro tanto de largura, está quasi todo o anno coberta de neve; e quando as chuvas quentes, impellidas pelos ventos do meio dia, poem em dissolução estas enormes massas de gelo, as torrentes hão de procurar os logares que tem declive e inclinação, e como para nordeste e leste é uma das maiores, tendo de precipitar-se de grande altura, foram destacando, e descarnando estes immensos vultos denegridos: assim as aguas e as massas de gelo tem sido, a meu ver, os sinzeis com que Saturno talhou, e vae destacando da montanha estes monstruosos gigantes. E tanto assim é, que do lado opposto na outra extremidade da copa, voltada para oeste, apparece tambem outro descarnamento, que faz um immenso gretão de rocha cavernosa, por onde se desprendem em torrentes as neves alli accumuladas. O cantaro gordo menos destacado, e mais adherente á montanha pelo sul, é por este lado accessivel, e póde montar-se, até considerar a grande altura, e profundidade perpendicular que lhe fica a nordeste e a norte.

O magro, mais estreito, cavernoso, e destacado,

não é facil poder-se subir, e até impossivel parece que alguem se arroje a esta obscura temeridade; mas assevera-se que se tem conseguido, torneando-o em fórma de espiral, e largando um fio a fim de voltar pelas mesmas passadas. Da parte donde me foi possivel observal-o, nenhuma apparencia lhe encontrei para a rasão do nome que lhe imposeram: talvez que considerado de outro ponto de vista, se ache fundamento para aquella denominação. E mais naturalmente, a imaginação abalada á vista de tão portentoso quadro, se representasse o genio do rio Zezere vasando a sua corrente daquellas duas grandes urnas ou cantaros..! Este pensamento poetico é natural ao contemplar estas Hyadas [1] tristes banhando em copioso pranto os denegridos e descarnados membros que descobrem as roturas do nevado manto. Esta melancolica vista deixa uma profunda impressão na imaginação do espectador! Ella se assemelha á que apresentam certos torreões de grossas e condensadas nuvens, de côr cinzenta e denegrida, cujos cavernosos bordos doira apenas um fraco raio do sol já refractado, e que annunciam uma horrenda tempestade!

Seja como for, tão abundantes são as nascentes do Zezere em toda esta cimeria região da serra, que não se fazendo dalli á Covilhã senão duas leguas, descendo por um atalho, quando este rio alli passa, elle inculca ter já um curso, principalmente no inverno, de 15 a 20 leguas; quando, ainda apesar da immensa volta, quasi circular, que lhe é preciso fazer, para dobrar as montanhas, elle não tem mais que 5, ou 6.

Voltando a sudoeste, na planicie mais elevada fica o malhão de estrella, que é a crista da montanha da parte do sul, e daqui se descobre em novo horisonte a Beira Baixa, e em vista longiqua grande parte do Alem-Téjo, tanto quanto se possa alcançar com um bom oculo, porque barreira nenhuma acha, senão as nuvens do horisonte que limitam a convexidade do globo. Alli como meta da maior altura se acha uma pyramide quadrangular, feita de pedra á esquadria, que para servir de ponto a levantar a carta geographica do reino mandou fazer o principe regente D. João, depois VI do nome, no anno de 1806, como parece attestar uma inscripção na pedra, a meia altura da pyramide na face do norte.

O rio Mondego não só não tira a sua nascente das alagôas como falsamente se conta, mas nem das geleiras do Erminio ou serra da Estrella: o seu principio é sim na mesma cordilheira no meio de montanhas menos elevadas um pouco mais ao norte, e em distancia de duas leguas da grande: as suas aguas mostram bem que a sua origem não é em geleiros perennes de neve, como o Zezere e o Alva, porque as destes rios conservam sempre mais rapidez, e frialdade, e uma côr esverdeada; seus peixes são por esta rasão mais gostosos, e mais estimados, o que certamente não acontece aos daquelle. Dizem que o nome lhe viera de uma pequena povoação junto á sua origem chamada Monda; mas eu tenho isto por pouco averiguado, tendo-o já passado, aonde é apenas um regato muito acima de Vide-monte não julgo aquelles logares habitaveis. Este rio, primeiro que se desembarace da cordilheira, aonde nasce, lhe é preciso dar grandes voltas, e endireitar o seu curso para leste, como faz até perto da cidade da Guarda, donde volta a norte até Celorico, e dahi endireita a sua carreira a oeste, afóra algumas tortuosidades, até á Figueira, aonde se perde no mar, depois de um curso de mais de trinta leguas, trese das quaes é navegavel de muitos barcos que fazem um commercio abundante na exportação dos vinhos, e aguas ardentes da Beira Alta, e Bairrada, milho, e outros cereaes, e alguma fructa que conduzem para Coimbra, e outros pontos, laranja para ser carregada na Figueira para Inglaterra, assim como a cortiça, taboado, e loiça grossa para as ilhas; e de importação carregam para a Raiva e Fozdão grande quantidade de sal para consumo até ás raias de Hespanha, ferro, bacalháo, e mais generos que desembarcam na Figueira, uns annos por outros de 300 a 400 embarcações do alto mar, e que exportam, além dos artigos mencionados, grande quantidade de sal, que alli é bom, e em conta; além do importante ramo dos vinhos que em alguns annos tem subido a 12:000 pipas, e que tem feito florescer aquella villa, que ainda não ha 70 annos não continha mais que alguns armazens, e que hoje conta 900 fogos, e que tem a terceira alfandega do reino, por sua importancia, e rendimento.

Este é o patrio Mondego, o maior rio que nasce, e morre dentro do reino, ainda dentro da grande provincia da Beira aonde elle nasce, e que não abandona até á Figueira; tão celebrado das musas; que lava os muros da cidade de Coimbra; e que banha com suas placidas correntes muitos sitios amenos, e apraziveis. Na sua parte navegavel tem só a ponte de Coimbra, e na que o não é, o tenho passado em seis de pedra de cantaria, que foram cortadas na invasão de Massena, e que se acham já concertadas.

O Zezere depois de uma despenhada corrente, quasi toda na Beira Baixa, vae junto a Punhete pagar ao Téjo o avultado tributo de suas aguas. É talvez o segundo rio oriundo de Portugal. O Alva, sempre encostado á cordilheira, donde sahe, vae encontrar o Mondego no sitio da Foz d'Alva, por isso mesmo assim chamado. Suas margens são montuosas, e escarpadas, mas ricas em minas de oiro que os romanos, e os arabes, e outros possuidores do paiz dellas extrahiam, segundo patenteam as muitas excavações, que nas primeiras alturas na proximidade do rio ainda apparecem. Estas excavações não são profundas, e confirmam o que diz Raynal das minas de Sêrro de Frio, que o oiro se encontra da superficie até á altura de sete palmos. Conhecem-se ainda muito bem os sitios ao longe, pelos montões de pedra denegrida, que lançavam atrás, o que parece uma especie de lava. Tambem se marcam os sitios, além das reconhecidas excavações, pela côr, e qualidade da terra, que é mui vermelha, e fina. Estas excavações se encontram em grande distancia desde a sua embocadura no Mondego; até ainda acima de Arganil as tenho eu observado: ellas são sempre nas colinas mais immediatas ao rio, provavelmente para não serem obrigados a acarretar a terra de mais longe, para as muitas lavagens que precisa a operação da

[1] Hyadas as filhas de Atlante, que foram convertidas na Constellação das sete Cabrinhas, que está na testa do Toiro, cuja ascensão é mzrcada por chuvas, e por isso se chamam tristes, chorosas, e pluviosas.

extracção do oiro. Apesar de que este rio róla em sua corrente mais pedra, e cascalho do que areias, é certo que em varios sitios, ainda ha quem se occupe em tirar de seu alveo areias de oiro, que se encontram nos remansos de agua, misturadas com areia preta de tinteiro, e que elles sabem separar, servindo-se de umas escudellas, ou pratos de páo, em que as joeiram á superficie da agua; o talco, e as partes mais leves vão sahindo, e as mais pesadas acodindo ao fundo do prato, e a esta operação se lhe chama *escovilhar*: depois para acabar de separar as palhetas do oiro, deitam-lhe gotas de azougue, cuja sympathia com o oiro é bem conhecida, as particulas do oiro envolvem immediatamente o mercurio, e assim o estremam applicando-lhe o fogo, e vendem o pó preparado desta maneira. Tambem já observei as mesmas excavações em algum sitio das margens do Mondego; mas sempre na mesma zona ou faixa, onde o terreno é argiloso, schistoso, e a pedra de loisa. É bem sabido na historia a grande quantidade de oiro que os romanos extrahiram da Lusitania no tempo da sua dominação. Os proconsules, e os pretores se esmeravam em ajuntar as maiores sommas, para adornar os seus triumphos, para satisfazer sua avareza particular, e sua ambição de novos empregos. Os arabes mais laboriosos que os indigenas, e bem conhecidos por sua riqueza, e avareza, deviam muito occupar-se da lavra das minas: e os outros povos, naturaes, ou dominadores, mais ou menos se deviam empregar neste ramo. O Alva póde chamar-se tambem um rio sagrado ou mysterioso, por que as principaes romarias da Beira, são situadas nas suas margens. A Senhora do Desterro de que já fallei; a Senhora das Preces, junto á Aldêa das Dez; a Senhora do Mont'alto, junto a Arganil: todas de muito credito nos povos por seus milagres, todas mui bem situadas para lhes attrahir a veneração mysteriosa.

A serra d'Estrella não é vulcanica, e nem apresenta o mais leve indicio de que jámais o fosse: em nenhuma parte se observa especie alguma de lava, ou basalto, nem grutas, nem excavações; a pedra em toda a parte é simples granito, e o terreno sempre de côr mais ou menos anegreada, com areias, fragmentos do mesmo granito: nada de calcáreo schistoso, ou marnoso se observa; nem marmore calcáreo, loisa, giz, ou craião de qualidade alguma. O granito, e o terreno um tanto areoso, é commum em toda a Beira Alta, segundo minhas curtas observações, desde Santa Comba-Dão para cima até os confins da Hespanha: e eis-aqui porque as casas são ordinariamente tão desagradaveis á vista, e pouco aceadas pela difficuldade e carestia da cal; porque alli, como já disse, nada ha de calcáreo. A serra do Caramulo, que corre fronteira á da Estrella na mesma direcção com o intervallo de uma a outra de sete leguas, a qual eu tenho atravessado em varios pontos, é da mesma natureza e qualidade desta. A serra do Bussaco que corre transversalmente na direcção norte-sul, e que toca as duas mencionadas cordilheiras, é a que marca o terreno calcáreo com suas varias especies d'ahi para Oeste até o mar, de sorte que a mesma cordilheira da Estrella, quando se estende da ponte da Mocella até Cintra, muda já de natureza: por isso da cordilheira do Bussaco para baixo, já se observam effeitos vulcanicos, e as grandes nascentes d'agua, que de um golpe rebentam da terra, e que na Beira Alta não apparecem. Ainda entre a montanha calcárea do Bussaco, e o granito da Beira Alta, corre uma zona ou faixa de tres leguas de largura composta de terreno argiloso com pedra de giz, e loisa, e que póde ter já alguma variedade mineral, cuja largura é da terra do Bussaco a Santa Comba-Dão, e da ponte da Mocella a Galizes, e nesta, como já disse, é que apparecem as excavações das minas do oiro. Sendo tão simples e uniforme o terreno da Beira Alta, julgo que raros são os productos mineralogicos que tem a observar-se: pela mesma rasão, não comprehendendo esta terra em seu seio especies inflammaveis, em nenhuma parte apparecem effeitos vulcanicos.

A serra da Estrella tambem não tem raridades botanicas, como falsamente se lhe tem attribuido: em toda ella se não encontra uma arvore, ou um arbusto, a não ser proximo á sua base na parte cultivada aquellas que ahi tem sido plantadas. Até o meio da sua altura, acha-se apenas o betoiro, urzes, e pouco tojo; e d'ahi até o cimo unicamente o betoiro e o zimbro, nos intervallos o tal junco fino, ou fêno, que o gado pasta, e apenas em poucos sitios, por onde escorre a agua nevada dos gelleiros, encontrei uma especie de musgo esbranquiçado, que se assemelhava á couve flôr. O zimbro, *Juniperus*, este habitante das montanhas da Suissa, e dos Alpes, parece que se apraz nas plagas mais frias, e que facilmente se cobrem de neve: as suas bagas de que se faz a genebra, são aqui do tamanho de um grão de ervilha, dos mais pequenos, de côr verde escura antes da sua madureza, e depois de um preto lustrino de azebiche, que os pastores arrecadam como especifico para as dôres de barriga. Tambem elle aqui se não eleva a mais altura que dois pés, e tão redondo e fechado se apresenta cosido com a terra, que não deixa vêr parte alguma do tronco, parecendo que foi tosquiado, e aparado em fórma semi-esferica: ao principio julguei que esta figura era devida a serem-lhe as sumidades roidas pelo gado; mas achei a mesma fórma em todos similhante. Entretanto Virgilio o tem como arvore, dizendo na Ecloga 10:

Juniperi gravis umbra, nocent et frugibus umbraæ.

Os animaes que encontramos na serra foram coelhos até um terço da sua altura, e pouco mais ou menos até aonde apparece alguma cultura. Em toda ella achámos perdizes, algum tanto mais pequenas, e a creação dellas mais serodia.

Ao aproximar-nos á alagôa redonda alguns patos grandes se levantaram em distancia que se lhe não póde atirar: estas aves passam em certas épocas do anno, enfiadas em fórma mui bem ordenada, a dois ou tres de fundo, com seu commandante á frente, outras vezes na retaguarda, da cordilheira da Estrella á do Caramulo, e *vice-versa*, atravessando de um vôo o grande valle que jaz entre ellas na distancia de 7 legoas sem contar o declive das montanhas; mas em tal altura que apenas so ouvem grasnar, e se descobrem em uma ordem e fórma agradavel á vista; mas desgraçada aquella que não póde

acompanhar a marcha, ella cahe e não póde mais levantar-se.

Quando nos avisinhámos aos cantaros uma aguia se levantou da alcantilada rocha, e foi planando para outra montanha mui distante, e então pela primeira vez, tive logar de observar o vôo magestoso da rainha das aves. A certa distancia tambem descobrimos uma quantidade de açôres ou milhafres. As aves de rapina habitam sempre os logares solitarios, e as rochas escarpadas e inaccessiveis, e dalli estes bucaneiros projectam ao largo as suas piratarias.

São tambem habitados estes logares pelos bufos ou guinchos, ave igualmente de presa, do tamanho de um perú, que vive de caça, mas que tem differente estillo de apanhal-a: como esta ave é nocturna, e não tem azas para longos vôos na proporção do seu peso, espera pacificamente a pé firme, apoiada sobre os cotovelos das fortes garras, que por esta posição usual se tornam calosos, os coelhos e as lebres que pastam de noite, e as perdizes de madrugada, sendo mais desvelada, e cuidadosa, quando tem filhos no ninho: larga ucharia alcança quem acerta com este, e por isso o adagio diz *achou ninho de guineho*. O mesmo ou ainda mais acontece com o ninho das aguias. É tal a força da sua garra que eu já tive logar de observar, que elle apanha, e devora os gatos, este pequeno tigre a quem a natureza dotou de excellentes armas, e de muita audacia para vibral-as. Em uma casa aonde me abrigava, faltando um dos gatos, se acharam no quintal as tripas e cabeça delle, e então o dono da casa disse ter sido o bufo, que já ontras vezes lhe tinha feito a graça: o que eu ouvi, e vi com admiração.

*(Continúa.)*

---

# NOTICIAS E COMMERCIO.

**Concorrencia á Exposição Universal.**— A *Revista Britannica* dá os seguintes resultados.— O numero dos visitantes do palacio de cristal desde o 1.° de maio até 11 de outubro foi 6.076:956, a saber:

| | |
|---|---|
| Em Maio | 744:772 |
| « Junho | 1.135:116 |
| « Julho | 1.315:175 |
| « Agosto | 1.023:446 |
| « Setembro | 1.155:240 |
| « Outubro | 703:207 |
| | 6.076:956 |

O dia da maior affluencia foi 7 de outubro, em que entraram 109:916 pessoas, calculando-se que 92:000 estavam presentes á mesma hora, isto é, das duas para as duas e meia da tarde. Só um comboy do caminho de ferro d'Oeste (linha denominada *Great Western*) conduziu n'um dia á Exposição tres mil visitantes em 150 *wagons*.

O total da receita desde o 1.° de maio até 11 de outubro foi de 514:041 libras esterlinas 8 schellings e 8 pences.

**A opera «Ildegonda.»** N'um jornal de Madrid de 11 de dezembro findo encontramos o seguinte artigo.

A opera *Ildegonda*, do nosso compatriota o sr. Arrieta, acaba de obter os applausos unanimes do publico de Genova, segundo vemos no jornal daquella cidade, o *Pirata*. Muito nos apraz que a obra deste distincto compositor hespanhol tenha merecido a approvação dos maestros e do publico entendedor de Italia. Peza-nos não poder reproduzir tudo o que a respeito daquelle *spartito* e do seu brilhante desempenho se diz no citado periodico; mas, não podemos ommittir alguma coisa do que especialmente se refere á mesma obra musical.

O jornal, depois de lamentar a escacez de novas operas, e o cansaço com que são ouvidas naquelles theatros as que continuam a cantar-se tão repetidas vezes, elogiando já por este motivo o auctor de *Ildegonda* que se abalançou a uma composição original e nova, passa a examinar a musica, em que descobre muitos fundamentos para louvor imparcial e sincero.

«Nella (diz) não se ouvem esses costumados berros, esses violentos esforços de voz tão perjudiciaes ao cantor como desagradaveis ao ouvido do espectador, mas sim as mui gratas melodias, os cantos que penetram na alma, como sabia creal-os o inspirado Bellini. Nesta opera tudo está felizmente acabado; ha um sello de verdade, um sentimento religioso que revelam não sómente o genio, mas tambem a sensibilidade do maestro. Os cantos manam com espontanea facilidade; e a instrumentação, posto que bem trabalhada, deixa ouvir as vozes e os instrumentos sem que uns sons cubram os outros.»

**Grande obra moderna** — Uma das mais ousadas construcções, promovidas pelo estabelecimento de caminhos de ferro, é o grande viaducto que atravessa o Dee no valle de Llangollen na Grã Bretanha, excedendo em dimensões outra qualquer obra de igual genero. Tem mais de 150 pés acima do nivel do rio, isto é, mais de 30 do que o viaducto de Stockport, e mais de 34 do que a ponte de Menay. É sustentado por dezenove arcos de 90 pés de diametro, e tem de comprimento 1:530 pés, pouco mais ou menos um terço da milha ingleza: o seu aspecto architectonico é de um estylo nobre e severo: construido de pedras tão lustrosas como as de Darlydale, salvo nas entradas dos arcos que são de tijolos azulados da maior resistencia, este viaducto de uma extremidade á outra tem uma inclinação de dez pés. Une a parte do caminho de ferro de Shrewsbury e de Chester comprehendida entre Rhosy — Medre e Chirk. Foi concluido em 1849: custou proximamente cem mil libras esterlinas.

**Numerosa collecção de animaes.** — Por occasião dos dias santos do Natal annunciaram os jornaes de Londres que estavam patentes aos curiosos, já se sabe mediante o preço de entrada de meio xelim, os jardins da sociedade zoologica em Regent's

park, desde a vespera de Natal até 6 de janeiro inclusivé, excepto no domingo intermedio. Alli ha 1:705 animaes vivos, tendo sido augmentada recentemente a collecção com 60 especies. O cavallo marinho, que vive n'um tanque especial, e o orangotango mostravam-se só das onze da manhã ás quatro da tarde.

**Cidades da União Americana.** — Os seguintes dados estatisticos são tirados do recenseamento de 1850.

As dez cidades principaes dos Estados Unidos teem para cima de cincoenta mil habitantes, a saber:

| Cidades. | Estados. | População. |
|---|---|---|
| Nova-York..... | Nova York..... | 515:507 |
| Philadelphia..... | Pennsylvania..... | 408:715 |
| Baltimore..... | Maryland..... | 189.048 |
| Boston..... | Massachusetts..... | 136:871 |
| Nova-Orleans..... | Luiziana..... | 116:348 |
| Cincinnati..... | Ohio..... | 115:436 |
| Brooklyn..... | Nova-York..... | 97:838 |
| S. Luiz..... | Missuri..... | 64:252 |
| Albany..... | Nova-York..... | 50:763 |
| Pittsburg..... | Pennsylvania..... | 50:519 |

Seguem-se seis que tem de 40 a 43 mil habitantes: Louisville (Kentucky), Charleston (Carolina do Sul), Bufalo (Nova-York), Providencia (Rhode-Island) e Washington (Districto de Columbia).

Newark (Nova-Jersey) 36:403, Lowell (Massachusett) 33:383, e Williamburg (Nova-York). Todas as outras são muito inferiores a estes numeros.

**Movimento de passageiros.** — A *Britannia*, jornal de Londres de 8 de dezembro publica uma curiosa estatistica do movimento dos *omnibus* naquella capital e seus suburbios. — O numero destes vehiculos ascende a tres mil e transportam no anno 300 milhões de passageiros, o que corresponde á terça parte da população do mundo: empregam em seu serviço onze mil homens e um capital de um milhão de libras esterlinas; fazem de despeza annual um milhão e sete mil libras, e pagam ao estado quatrocentas mil libras de impostos ou contribuições.

Por um mappa do transito dos caminhos de ferro em Inglaterra, referido ao primeiro semestre do anno findo, vê-se que o numero de viajantes nesse decurso de tempo foi de 37.884:703. Durante o mesmo periodo occorreram as seguintes desgraças no movimente de passageiros e gente empregada no serviço daquellas vias de communicação: 105 pessoas mortas, e 173 maltratadas sem consequencias fataes.

**Opera italiana em Madrid.** — Nos ultimos dias de dezembro ensaiava-se no theatro real o *Elixir d'Amor* para estreia do tenor Bionti. O baritono Cresci faria o seu *debut* na opera de Donizetti, *Torcato Tasso*. Duprez e sua filha cantariam na *Lucia*. A decantada Alboni vinha cantar tambem a Madrid; e a peça em que entraria pela primeira vez seria a *Cenerentola*. Constava na côrte de Hespanha que o emprezario Solera, logo que os sobreditos espectaculos estivessem devidamente dispostos, partiria para Paris e Italia a fim de augmentar o pessoal da companhia lyrica com alguns artistas de reconhecida reputação.

**Theatro de S. Carlos.** — A *Lucrecia Borgia*, que subiu novamente á scena na quarta feira passada não agradou, não tendo até hoje sido repetida. Abstemo-nos de entrar na analyse das circumstancias que concorreram para o máu exito daquella opera, porque não queremos aggravar a situação da empreza e dos artistas. Faremos, comtudo, uma advertencia que em nada aproveitando ao presente, poderá comtudo servir para o futuro. O sr. Bonafos encarregou-se de um papel, que de maneira nenhuma lhe competia.

As *condescendencias* só pódem ter logar, quando dellas não resulte desvantagem para o artista, e o sr. Bonafós só deveria ter consentido no desempenho daquella parte, se encontrasse a seu lado cantores de igual cathegoria, como acontece em alguns theatros de primeira ordem, quando se representa a *Lucrecia Borgia*. Entendemos tambem que a empreza, consultando os seus proprios interesses, nunca devia expôr o *primeiro* baixo comico da companhia a perder o prestigio para com o publico, fazendo-o figurar em todo o decurso da opera a par dos srs. Bruni, Roveda, e Cairo!

Tem continuado as representações da *Nina* e da *Sapho*, com o mais brilhante acolhimento á sr.ª Sannazari, que conta os seus triumphos pelo numero das récitas. Vimos com satisfação que esta artista de bom grado acceitára, e attendera as observações que fizemos a seu respeito, quando analysámos o desempenho da opera *Sapho*. É esta de certo uma prova da sua modestia, e não menos do seu vivo desejo de se aperfeiçoar na arte, o que só se póde conseguir pela ausencia de certos preconceitos tão communs nos artistas que gosam do pleno favor do publico.

Sabemos que a empreza, desejando e convindo-lhe satisfazer as justas exigencias dos frequentadores do theatro lyrico, escrevêra já aos seus correspondentes, para escripturarem sem demora um primeiro tenor, e uma dama comprimaria. Muito approvâmos esta deliberação, e augurâmos-lhe bom resultado.

---

## BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO ELEMENTAR DE BOTANICA, por *João José de Sousa Telles*, professor particular de materia medica e pharmacia.

Assigna-se por 300 rs. para a obra completa, na rua Augusta n.os 1, 2, 8, 13, 37 A, 188, e rua do Oiro n.º 212.

*N. B.* Publicou-se a 6.ª e 7.ª folhas.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim*.

Publicou-se a 10.ª folha do tomo 3.º e contém:

*Historia prophana.* — Continuação da historia da Grecia, e da historia romana, Lydia, Media, Persia e Scythia.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.os 1 e 8: e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.